



GÊNERO E RELIGIÃO: CADERNOS DE SOCIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Ana Maria Capitanio

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo;
Professora Universitária; Psicóloga. Pesquisadora Do GREPO PUC/SP.
prof.anacapitanio@gmail.com

Maria Elise Gabriele Baggio Machado Rivas
Doutoranda em Ciências da Religião PUCSP
Professora Universitária; Teóloga.
Pesquisadora do GREPO PUC-SP.
maria.eliserivas@gmail.com

Maria José Fontanelas Rosado-Nunes
Doutora em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales
Professora do Departamento de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC/SP.
Líder do grupo de pesquisa GREPO
mjrosado@uol.com.br

Projeto aprovado pelo MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA nº 32/2012¹

ST 10 – GÊNERO E RELIGIÃO: TENDÊNCIA E DEBATES

Resumo: A pesquisa que originou este artigo interessa-se pela relação entre ciência e ensino na difusão da crítica feminista às desigualdades de gênero, na luta contra a dominação masculina, interrogando, também, a presença do fator religioso nessa difusão. A introdução de gênero como categoria de análise amplia a compreensão da maior parte das relações e histórias públicas e privadas. Desde 2008, por meio da Lei n. 11.684 de 02 de junho, a Sociologia foi reincorporada como disciplina obrigatória ao currículo das escolas brasileiras. No Estado de São Paulo, a partir da proposta curricular de 2007 (SEE, Rede do Saber), foram elaborados e distribuídos, em 2008, os Cadernos do Professor cujo conteúdo abrange sequências didáticas e sugestões de trabalho para serem utilizadas e ampliadas pelo docente em sala de aula. O Caderno do Professor – Sociologia - foi elaborado em 2009 quando se introduziu a disciplina em todas as séries do Ensino Médio. Para tanto, algumas questões norteiam essa pesquisa: como gênero, sexualidade e religião apresentam-se nesses cadernos? A partir do ponto de vista de gênero, há possibilidade de reflexividade nos estudos da disciplina de Sociologia? Essa reflexividade tem sido feita com os jovens, no ensino médio? Assim, com essas questões em mente foram analisados 12 cadernos de ensino de Sociologia da rede pública de São Paulo. As análises preliminares, feitas por meio de leituras e releituras, chegaram às seguintes categorias: gênero, relações de poder e desigualdades de gênero e sexo; invisibilidade, silenciamento; linguagem; violência de gênero; família; trabalho; religião. Em seguida foram elaboradas tabelas para cada uma das séries com a finalidade de quantificar as ocorrências. Para este artigo, importa-nos como a categoria religião intersecciona com gênero. Nesta análise preliminar, os resultados apontaram para o esforço de incorporar gênero nos temas tratados. Porém, não se detectou uma compreensão mais abrangente dessa perspectiva, de maneira que expresse a compreensão de que as relações sociais de gênero, assim como de classe e raça/etnia são constitutivas da realidade social. Deveriam assim, ser transversais a todos os temas tratados. E, em relação à religião, as referências encontradas foram pontuais.

Palavras chave: Gênero; Sociologia; Ensino Médio,

¹ Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnologia/Secretaria de Políticas para as Mulheres/Ministério do Desenvolvimento Agrário.

1. Introdução

Desde 2008, por meio da Lei n. 11.684 de 02 de junho, a Sociologia foi reincorporada como disciplina obrigatória ao currículo das escolas brasileiras. No Estado de São Paulo, a partir da proposta curricular de 2007 (SEE, REDE DO SABER), foram elaborados e distribuídos, em 2008, os Cadernos do Professor para todas as disciplinas. Porém, somente em 2009, os Cadernos de Sociologia foram introduzidos como material de apoio aos professores. Esta pesquisa toma esses Cadernos de Sociologia como fonte privilegiada e teve como **objetivo** central analisar a difusão da crítica feminista às desigualdades de gênero no Ensino Médio, interrogando, também, se e de que maneira as questões religiosas perpassavam esta difusão. As questões que nortearam a investigação puderam ser assim elencadas: quais os sentidos dados para gênero, feminismo, sexualidade e outras diferenças nos Cadernos do Professor elaborados pela Secretaria da Educação do governo do Estado de São Paulo? Houve articulação com a religião? De que modo essas questões apareceram no material selecionado vinculadas a consciência crítica e a cidadania, como problemáticas do contexto contemporâneo? Houve incorporação de autoras clássicas do feminismo e de autoras brasileiras da teoria feminista? Até que ponto se considerou a relação entre gênero e religião, feminismos e religião com todas as nuances que tem essas relações?

1.1 Apresentação dos Cadernos

Os Cadernos do Professor – Sociologia - foram compostos inicialmente, em 2009², quando a disciplina foi introduzida, com quatro volumes para cada uma das séries do Ensino Médio (um por bimestre). Posteriormente, um volume para cada semestre. Seu conteúdo abarca sequências didáticas e sugestões de trabalho para serem utilizadas e ampliadas pelo docente. Os Cadernos inserem-se nas ações do Projeto São Paulo Faz Escola, implantado pela Secretaria Estadual de Educação em 2008 em todas as escolas da rede com o objetivo de enfrentar o baixo desempenho escolar dos alunos medido especialmente pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São

² Ele foi distribuído pela primeira vez pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo em 2008 e elaborado a partir da proposta curricular de 2007 (SEE, Rede do Saber).

Paulo, SARESP, (CATANZARO, 2012). O Programa tornou-se o currículo oficial do Estado em 2010.

A coordenadora geral do Projeto São Paulo Faz Escola, Maria Inês Fini, afirma que os cadernos “espelham-se, de forma objetiva, na Proposta Curricular, referência comum a todas as escolas da Rede Estadual” (1ª série, v. I, p.6).

De acordo com Schrijnemaekers e Pimenta (2011) o foco estaria no desenvolvimento do aluno como ser humano, na prioridade do desenvolvimento de sua sensibilidade, sendo que, a competência relacionada a raciocínio seria desenvolvido no ensino superior, no curso de Sociologia, pois para o Ensino Médio a ideia de *sensibilidade sociológica* seria o cerne. Para elas, a desnaturalização e o estranhamento seriam os meios para se construir a sensibilidade sociológica. Essas autoras afirmam que o Caderno foi pensado como complemento às práticas pedagógicas dos professores.

Destaca-se que os autores dos cadernos afirmam que eles foram pensados para o jovem, a partir de seus interesses.

Dessa forma, em que medida gênero e religião foram considerados de interesse para os jovens?

2. Metodologia

Para a coleta de dados, que envolveu todos os integrantes do GREPO³, foram definidos cinco grupos de trabalho para pesquisar sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio: 1º – Levantamento da documentação (leis, diretrizes – nacional e estadual, se houver); 2º - Levantamento sobre o Programa Nacional do Livro Didático; 3º - Levantamento dos livros didáticos disponíveis; 4º - Levantamento de trabalhos (teses, dissertações) de 2008 até 2014, sobre a disciplina de Sociologia no Ensino Médio; 5º - Levantamento dos trabalhos apresentados no GT específico sobre o ensino de Sociologia na Educação Básica, de Congressos realizados pela Sociedade Brasileira de Sociologia, de 2008 em diante. Para o estudo dos Cadernos, os materiais bibliográficos encontrados a respeito da reinserção da Sociologia no Ensino Médio

³Ana Maria Capitanio, Ângela Maria Quintiliano, Carlos Antônio Braga de Souza, Eliane da Costa Nunes Brito, Emerson Rossi, Isabel Cristina Bueno Palumbo, Isabel Félix, Josefa Buendia Gómez (Pepita), Lúcia Alves, Maria Elise Gabrielle Machado Rivas, Sandra G. Unbehaum, Teresinha Ferreira Leite, Valeska Freeman.

(legislação e estudos diversos publicados em teses e artigos) foram lidos e discutidos pelo Grupo. Em seguida, elencaram-se categorias ou temas a partir dos quais seriam lidos os Cadernos. As leituras apontaram para novas categorias e temas que foram incorporados à pesquisa. Após essa etapa, o material foi organizado e sistematizado em tabelas e texto. Após nova discussão. Reagruparam-se os temas que ficaram assim organizados: gênero, relações de poder e desigualdades de gênero e de sexo; sexo e gênero; invisibilidade, silenciamento das questões de gênero; temáticas e usos de exemplos masculinos; violência de gênero; família; trabalho; linguagem; religião; perfil das/os autoras/es. Optamos pela hermenêutica feminista (Fiorenza, 1992), para análise que faz uso de diversas etapas hermenêuticas em sua metodologia. A hermenêutica da suspeita⁴ que tem como objetivo interrogar as funções ideológicas das estruturas da opressão e dominação nos possibilitou uma leitura crítica dos cadernos a partir de gênero e religião. Essa pesquisa não pretendeu dar conta, de modo absoluto, de todos os cadernos. E sim, assinalar o caráter feminista dos discursos presentes na relação gênero e religião contribuindo para o seu enriquecimento e renovação ligado à capacidade crítica e mais que isso, de constituí-la desde novas possibilidades de discurso feminista.

3. Religião – um discurso subliminar

A questão da religião não é abordada diretamente nos Cadernos ficando à margem de outros temas. Como exemplo, podemos citar o volume 1 da 1ª série (edição 2014-2017) que, após afirmar que o ser humano é um ser social (Situação de Aprendizagem 2, “O ser humano é um ser social”), indica que a comunidade religiosa é uma das redes sociais das quais os sujeitos participam.

Religião aparece modestamente apenas no volume 1 da 2ª série, cuja temática é “Diversidade, cultura e identidade”, ao abordar em Etapa 1, O Estrangeiro:

Sugerimos que primeiro seja feita uma breve apresentação da figura de Georg Simmel (...): - Nasceu na Alemanha e que seus pais eram judeus convertidos ao protestantismo - nessa última religião Georg Simmel foi batizado. O fato de vir de uma família judia, mesmo que convertida, era motivo de preconceito. (...) - O

⁴ Esta categoria trouxe dois elementos importantes: o primeiro foi o de que o aspecto biológico das pessoas não é suficiente para explicar ou determinar o comportamento do masculino e do feminino na vida em sociedade. O segundo, do qual faremos uso, está relacionado à noção e compreensão de poder.

mais importante é destacar que, de certa maneira, por ser ex-judeu, Simmel sentia-se um estrangeiro como tal. (p.20)

No volume 4 da 2ª série, cuja temática é Violência em Sociedade, a religião comparece ao se tratar de violência simbólica, entendida como “perseguição e repressão por causa de crenças religiosas” (p. 15), aquela que atenta contra **as crenças**, a cultura e a própria identidade dos indivíduos que dela são vítimas (p. 14). As imagens apresentadas são de invasão do exército, vandalismo urbano; violência contra a cultura e religião de um povo – como a escultura de Buda destruída pelos talibãs em marcha. Porém, não se coloca temas específicos como a violência de gênero presente nas religiões. Aqui cabe destacar a ausência de violência contra as mulheres, travestis e transexuais em diferentes religiões.

Religião também aparece no volume 1 da 3ª série com pelo menos, duas formas distintas de aparecimento no texto: como não separada dos poderes temporais; e em lutas populares nas quais ideias e posições religiosas comparecem para afirmar determinadas posições. Aparece também na Situação de Aprendizagem 5, Etapa 1, que trata das Revoltas Populares dos séculos XIX e XIX:

O exemplo mais contundente foi observado em Canudos, onde a população local, liderada por Antônio Conselheiro, buscava a superação das péssimas condições de vida, além de recusar a separação entre a Igreja e o Estado e a introdução do casamento civil (p.46).

1835 - Revolta dos Malês – Salvador (BA) - Negros alforriados e escravos mulçumanos nagôs, que uniram a outros das nações iorubá, hauçá, jeje e tapa.

Embora não tivessem um projeto político definido, pretendiam tomar o governo e se tornar (sic) livres, a fim de professar (sic) suas crenças religiosas e vivenciar (sic) suas identidades étnicas em um país predominantemente católico e fortemente dominado por um regime senhorial escravocrata (p.47).

Na continuação do mesmo quadro, segue:

1851/52 – Revolta contra o Censo Geral do Império e o Registro Civil de Nascimentos e Óbitos - Todas as províncias do Nordeste e norte de Minas Gerais – Camponeses e trabalhadores rurais pobres. (...) O registro civil de nascimento foi interpretado como uma sobreposição do poder do Estado em relação à Igreja, o que era considerado inadmissível.

1896/97 – Guerra dos Canudos – Sertão da Bahia – jagunços, camponeses e ex-escravos. Rejeitando medidas secularizadas

adotadas pela república, o líder Antônio Conselheiro tentou criar uma comunidade de santos onde as pessoas viveriam unidas pela fé, exercendo práticas religiosas tradicionais.

Na Etapa 2, O Conflito pela Terra, o tema também passa pela religião:

Muitos escravos procuraram fugir da condição de cativos, refugiando-se em comunidades com organização própria (quilombos) onde buscavam preservar certa autonomia econômica e cultural (...). Em algumas cidades, como Salvador, essas revoltas reuniram cativos e libertos de diversas origens étnicas, que lutaram pela libertação dos escravos, pela liberdade de professar suas religiões e crenças e pelo controle do poder local (p. 49).

Na Situação de Aprendizagem 8, Movimentos Populares Urbanos, Etapa 1, O Processo de Ocupação Desordenada do Solo, o comparecimento do tema “religião” está associado a organizações religiosas, como formas de lutas política e de afirmação e regate da cidadania sequestrada pela Ditadura Militar:

Ditadura Militar - (1964-1985) – Em São Paulo a repressão militar teve como alvo principal o movimento operário e os sindicatos. (...). Foi também no bairro que a experiência construída com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja católica se encontrou com a experiência sindical e outras tantas sociais e políticas, conferindo vida ativa aos movimentos. Durante os anos de repressão, as CEBs se tornaram uma das poucas alternativas de organização popular, onde as pessoas se reuniam para discutir sua vida cotidiana (...) (p. 75).

No volume 4 da 3ª série (Tema Desumanização e Esperança), na Situação de Aprendizagem 2, O Papel Transformador da Esperança e do Sonho, vê-se a menção à religião primeiramente ligada à figura de Gandhi:

Vários livros influenciaram suas ideias na construção de sua utopia por uma vida em sociedade melhor, como, por exemplo, o Bhagavad-Gita, que mostra o diálogo entre Arjuna e Krishna a respeito do sentido da vida. Achava que o Bhagavad-Gita estimulava uma vida de desprendimento material e usou-o como principal fonte de apoio espiritual na sua luta (...).

Outras ideias que o influenciaram foram encontradas na tradição cristã expressa no Novo Testamento, no preceito cristão de dar a outra face e no Sermão da Montanha (p. 28).

Em seguida, a M. Luther King:

Em 1954, Luther King tornou-se pastor da igreja batista da cidade de Montgomery (Alabama) e começou sua luta sistemática pelos direitos civis, sociais e políticos dos negros (...). Em 1957 (...)

fundou a Conferência da Liderança Cristã no sul, uma organização de Igrejas e pastores negros que procurava por fim às leis de segregação existentes, por meio de boicotes pacíficos (p. 35).

A ausência de uma discussão mais aprofundada sobre religião é de causar estranheza em uma sociedade com cultura marcada pelo cristianismo. Além disso, os Cadernos isentam-se de discutir o lugar que a religião tem na política na atualidade. O silêncio a esse propósito, assim como sobre a família, grupos que podem ser constituídos a partir de uma cosmovisão religiosa, é imenso.

Considerações Finais

Por se tratar de uma pesquisa ainda não finalizada, as considerações que se seguem devem ser tomadas como provisórias e, salienta-se que no processo de conclusão das análises, elas serão retomadas. Nesse sentido, do que pudemos trabalhar até aqui, pode-se identificar nos Cadernos o esforço para incorporar gênero nos temas tratados. Em nossa leitura do conjunto dos Cadernos, porém, não detectamos uma compreensão mais abrangente dessa perspectiva de análise, de maneira que expresse a compreensão de que as relações sociais de gênero, classe e raça/etnia são constitutivas da realidade social. Deveriam assim, ser transversais a todos os temas tratados. Em relação à religião, as referências encontradas foram mais pontuais. Nos poucos exemplos em que religião foi citada observamos a presença majoritária de exemplos relacionados às religiões judaico-cristãs. Consideramos que seria necessária a referência às religiões afro-brasileiras, assim como ao novo quadro religioso do país, atendendo ao processo contemporâneo de pluralização, com forte presença evangélica. Em um país de profunda influência cristã, nós nos interrogamos sobre o quanto formas de pensar e comportamentos oriundos dessa matriz religiosa, assim como das matrizes afro-indígenas estariam presentes – e deveriam ser consideradas – em nossas concepções de sociedade e na maneira como regulamos comportamentos individuais e coletivos.

Referências

CATANZARO, Fabiana Olivieri. **O programa São Paulo Faz Escola e suas apropriações no cotidiano de uma escola de ensino médio**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2012.

FIORENZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHRIJNEMAEKERS, Stella Christina. PIMENTA, Melissa de Mattos. Sociologia no Ensino Médio: escrevendo Cadernos para o projeto São Paulo Faz Escola. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 405-423, set.-dez. 2011 405. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 04 dez 2014, 13h20.

SEE;

REDEDOSABER. Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Default.aspx?alias=www.rededosaber.sp.gov.br/portais/spfe2009>